

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

2.ª Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 30 de maio de 2018

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

Por cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990, devendo o mesmo ser respeitado na redação das respostas.

Grupo I

Leia o texto que abaixo se transcreve.

- 1 Henrique de Souselas atingira a idade dos vinte e sete anos, vivendo aquela elanguescedora vida da capital, e dividindo as atenções do espírito pela política, pela literatura e pelos destinos do teatro de S. Carlos, do qual estava habilitado a fazer circunstanciada crónica, que abrangesse os últimos dez anos.
- 5 Não concebia vida fora daquilo.
O mundo para ele era Lisboa. Não sentia desejos, nem imaginava possibilidade de visitar a Europa, quanto mais a província; o que seria maior façanha.
Não que lhe faltassem recursos para realizar qualquer projeto desta natureza.
Henrique herdara dos pais rendimentos bastantes, dos quais vivia folgadoamente.
- 10 Mas a indolência lisbonense manietava-o ali.
De certo tempo em diante começou, porém, a incomodá-lo uma espécie de vácuo interior, um mal-estar, doença infalível nos celibatários sem família, quando chegam à idade a que chegou Henrique, e passam a vida como ele.
Tudo lhe causava fastio. Bocejava em S. Carlos, bocejava nas Câmaras, bocejava no Grémio, bocejava no Chiado e nos círculos dos seus amigos, os quais começaram também a achá-lo insuportável de insipidez.
- 15 O demónio da hipocondria, esse demónio negro e lúgubre, implacável verdugo dos ociosos e egoístas, o qual há muito o espiava, apoderou-se dele em corpo e alma.
Aí temos, desde esse instante, Henrique muito preocupado com a sua pessoa, imaginando-se vítima de mil e uma moléstias, as mais disparatadas e incompatíveis, suspeitando-se conjuntamente predestinado para a apoplexia e para a tísica, para o cancro e para a alienação, para a cegueira e para os aneurismas, tremendo à leitura do obituário da semana, folheando livros de medicina, construindo teorias fisiológicas, consultando todos os médicos da capital, experimentando todo o arsenal farmacêutico.
- 20 Ao mesmo tempo manifestou-se nele uma progressiva degeneração de gosto; não podia ler uma página dos livros que lhe eram prediletos; desfazia-se com desgosto de quadros, móveis, estátuas, objetos curiosos que colecionara com paixão; detestava a música, o teatro, numa palavra, tornara-se num dos maiores flagelos que podem pesar sobre a humanidade e que muito em especial causam o suplício dos médicos que os aturam.
- 25 Foram estes os que, em parte de boa-fé, em parte com o desculpável intuito de sacudirem de si tal pesadelo, lhe deram um dia de conselho que fosse viajar.
Henrique de Souselas julgou ouvir uma heresia nesta palavra: viajar.
Viajar? E os seus aneurismas? E as suas iminências apopléticas? E as suas disposições para tantas outras enfermidades? Pois um homem pode lá viajar com esta
- 30 bagagem patológica?
E se lhe desse alguma coisa pelo caminho? Recusou com mau humor a receita e ficou na capital.
Exacerbaram-se os padecimentos, repetiram-se as consultas, e os médicos a insistirem em que saísse de Lisboa.
- 40 — O senhor não tem nada — diziam alguns.
Henrique perdia a cabeça, ao ouvir isto. Prolongou-se este estado de coisas, até que um dia o hipocondríaco rapaz persuadiu-se muito seriamente de que estava chegada a sua hora extrema.
Um médico velho e grave, que por essa ocasião o escudou, em vez de se rir dele,
- 45 disse-lhe muito sisudo:
— Homem! O senhor está realmente mal. Esse estado de imaginação não pode prolongar-se mais tempo, sem romper por aí em alguma doença que o sacrifique. Se quiser salvar-se, saia-me daqui, enquanto é tempo. Quebre com todos os hábitos e escolha entre as fortes impressões de uma grande capital, como Paris ou Londres, ou as mornas sensações de um completo viver de aldeia.
- 50 Ora sucedeu que nesse mesmo dia recebesse Henrique um presente de fruta de uma sua tia, santa criatura que ele, desde criança, não tornara a ver.

Vivia relegada numa aldeia sertaneja do Minho, onde na idade de cinco anos Henrique passara alguns meses na companhia da sua mãe.

55 Aquele presente frugal recordara-lhe esse tempo, já meio apagado na memória, e conseguira fazer-lhe saudades. Daí uns vagos desejos de voltar a ver aqueles sítios.

Por isso, ao ouvir o conselho do doutor, Henrique nomeou-lhe a aldeia em que esta sua parenta vivia.

O velho facultativo aplaudiu a ideia e instou para que fosse abraçada.

60 O sobrinho escreveu então à tia, e, passados dias, punha-se a caminho.

A propriedade da tia de Henrique era um genuíno tipo de casa rústica, à moda do Minho.

Abriam-se as portas, e no limiar apareceu de braços abertos a tia Doroteia, e, por trás dela, elevando a luz acima do ombro da ama, a criada Maria de Jesus, a que, havia trinta

65 anos, lhe era companheira e interessada em alegrias e pesares. Já Henrique lhe andara ao colo, no tempo em que estivera criança na quinta.

Diante da figura esbelta, do tipo varonil e do comprido bigode de Henrique, a Sra. Doroteia reprimiu as suas expansões e quase recuou.

Nunca mais vira Henrique desde que este, aos cinco anos, deixara Alvapenha, e dir-

70 -se-ia que esperava ainda encontrar os mesmos cabelos loiros e anelados e o mesmo rosto menineiro da travessa criança de outros tempos, em vez do homem feito, em que os vinte e tantos anos volvidos o tinham transformado.

Henrique de Souselas abraçava a tia, que há tanto tempo que não vira, e ela correspondia-lhe, beijando-o com todo o carinho e chorando.

75 Henrique não tinha ainda bem conseguido libertar-se dos roxeados amplexos e mais provas de afeto de sua tia, quando se sentiu preso em novos laços. Era Maria de Jesus, que o abraçava também e lhe pespegava nas faces dois beijos muito chiados, como aqueles que vêm a ferver do coração, e isto acompanhado de um — Ai o meu rico filho! — tão eloquente como os beijos.

80 Henrique, habituado às etiquetas da civilização urbana, que estabelece entre amos e criados distâncias desconhecidas na aldeia, estranhou um pouco a familiaridade, mas sujeitou-se a ela sem reflexões.

— Em nome do Padre e do Filho! — dizia Maria de Jesus, benzendo-se e tomando lugar ao lado da ama. — Até nem sei que parece, lembrar-se a gente que trouxe este

85 marmanjão ao colo!

O termo «marmanjão» não soou bem a Henrique. Principiava também a impacientá-lo o ver as duas, embasbacadas diante dele; um homem sujeito a uma exposição destas, por mais que faça, não atina com o modo de arrostar com ela, que não seja ridículo. Ora Henrique, como todo o homem da sociedade, o que mais que tudo temia neste mundo

90 era o ridículo.

Felizmente acudiu-lhe a caridosa intervenção da tia Doroteia, que fez perceber à criada a conveniência de ir preparando a ceia de Henrique, que havia de querer recolher-se.

Meia hora depois, Henrique, banhado, enxugado e comodamente vestido, saboreava

95 uma gorda galinha de canja.

Ele, que tinha sempre severidades de crítica contra os mais afamados cozinheiros de Lisboa, estava achando deliciosa aquela comida primitiva, com que o regalava a tia. Esta sentou-se a vê-lo comer, e com a mesma familiaridade, que Henrique já anteriormente estranhara, Maria de Jesus sentou-se ao lado da ama.

100 Enquanto Henrique comia, elas, sem deixarem de o observar, faziam-lhe perguntas sobre perguntas, às quais ele ia respondendo conforme lhe era possível.

— Tu dizias-me na tua carta que estavas doente, pois olha que na cara não o parece. Era este o ponto fraco de Henrique; respondeu logo ao reclamo:

— Não me digam isso! Então não veem como estou? Pois isto é lá cor de saúde?

105 — Mas afinal que moléstia é a tua, menino?

— Eu sei lá, tia Doroteia! Nem os médicos a conhecem bem. É, entre outras coisas, uma tristeza, uma melancolia, que me não deixa, que me persegue por toda a parte. Às

vezes parece-me que sinto apertar-se-me dolorosamente o coração; outras, são palpitações, ânsias... Tenho quase vontade de chorar, irritado-me, impaciente-me, não quero que me falem, nada quero ver, nada quero ouvir; não leio, não durmo, não como. Finalmente todo eu sou doença e tristeza.

110 A boa tia Doroteia olhava com sisudez e atenção para o sobrinho. Assim que Henrique terminou a exposição, ela disse-lhe com uma adorável candura:

— Então é assim uma espécie de mania?

115 À palavra «mania» Henrique sobressaltou-se. Seria a consciência que se sentiu ferida?

— Mania! Ó tia Doroteia! Mania! Veja bem, olhe que o termo é forte! Mania!

120 — Sim, menino! — insistiu ingenuamente a boa senhora — Pois olha que não é outra coisa. Pois isto de estar triste sem ter de quê... sim... porque, não te morrendo ninguém, nem te doendo nada...

Henrique nem acabou de sorver a última colher de caldo de arroz, que lhe estava sabendo como nunca manjar lhe soubera.

— Então não comes mais? — perguntou a tia.

— Muito agradecido; eu o mais que tenho é sono.

125 — Tens razão, tens — concordou a tia Doroteia — deves estar fatigado. Vai com Nossa Senhora, menino. E deixa-te lá de pensar e estar triste, que isso não é bom. É fazer por espaiar. Come, bebe, passeia, que é o que dá saúde. Nada de malucar.

Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto: Livraria Civilização Editora, 1973, pp. 7-10; 18-20; 24-27. (Texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1** a **10**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. A expressão “aquela elanguescedora vida da capital” (linhas 1-2) sublinha

- a. o frenesim da vida da personagem.
- b. a agitação que caracteriza uma capital.
- c. a indolente rotina da personagem.
- d. a azáfama da vida numa grande cidade.

2. Relativamente ao teatro de S. Carlos, Henrique de Souselas “estava habilitado a fazer circunstanciada crónica, que abrangesse os últimos dez anos” (linhas 3-4), o que sugere que o jovem

- a. fizera minuciosa pesquisa sobre os espetáculos do S. Carlos nos últimos dez anos.
- b. fora um dos responsáveis pelos destinos do teatro de S. Carlos na última década.
- c. escrevera crónicas sobre os espetáculos do teatro de S. Carlos nos últimos dez anos.
- d. fora um assíduo espetador das temporadas do teatro de S. Carlos na última década.

3. Pela leitura do terceiro parágrafo, compreendemos que, para Henrique,

- a. visitar a Europa seria maior façanha do que visitar a província.
- b. visitar a província seria maior façanha do que visitar a Europa.
- c. a maior façanha seria não sentir desejos de visitar a Europa.
- d. a maior façanha seria não sentir desejos de visitar a província.

4. Na linha 8, “qualquer projeto desta natureza” designa

- a. qualquer um dos desejos da personagem.
- b. qualquer possibilidade imaginada pela personagem.
- c. qualquer plano de visita à Europa ou à província.
- d. qualquer plano que parecesse grande façanha.

5. “A indolência lisbonense manietava-o ali” (linha 10) equivale a dizer

- a. a rigidez da capital tolhia os movimentos de Henrique.
- b. Henrique sentia-se preso à inércia da vida na capital.
- c. Henrique sentia-se constrangido pela apatia da cidade.
- d. a insensibilidade da gente de Lisboa revoltava Henrique.

6. A expressão “esta bagagem patológica” (linhas 34-35) refere-se

- a. a todos os livros de medicina que o receoso Henrique estava habituado a consultar.
- b. aos diagnósticos que Henrique reunira nas consultas de todos os médicos da capital.
- c. a todo o arsenal farmacêutico que Henrique de Souselas tinha ido experimentando.
- d. a todas as supostas maleitas e predisposições de Henrique para muitas enfermidades.

7. Na linha 59, o vocábulo “facultativo” poderia ser substituído por

- a. opcional.
- b. clínico.
- c. voluntário.
- d. voluntarioso.

8. A expressão “roxeados amplexos” (linha 75) é sinónimo de

- a. arrojados abraços.
- b. chiados beijos.
- c. estreitos abraços.
- d. ferventes ósculos.

9. “O termo «marmanjão» não soou bem a Henrique” (linha 86), muito provavelmente,

- a. por lhe parecer que seria mais agradável ser «marmanjo» ou «marmanjinho».
- b. por interpretar o aumentativo como sinal da antipatia que Maria de Jesus por ele sentia.
- c. por considerar que a criada usara a palavra no ofensivo sentido de “velhaco, patife”.
- d. por lhe parecer indecoroso e contrário às etiquetas da civilização a que estava habituado.

10. Na linha 126, “que isso não é bom” é uma oração subordinada

- a. adverbial causal.
- b. substantiva completiva.
- c. adjetiva relativa.
- d. adverbial consecutiva.

Grupo II

O texto que abaixo se transcreve é um excerto de uma carta dirigida por Séneca a um amigo que acabara de fazer uma longa viagem.

- 1 Admiras-te, como se fosse um caso raro, de após uma tão grande viagem e uma tão grande variedade de locais visitados, não teres conseguido dissipar essa tristeza que te pesa na alma!? Deves é mudar de alma, não de clima. De facto, em que pode ajudar a mudança de local, ou o conhecimento de novas paisagens e cidades? Toda essa agitação
- 5 carece de sentido. Andares de um lado para o outro não te ajuda em nada, porque andas sempre na tua própria companhia. Tens de alijar o peso que tens na alma; antes disso não há terra alguma que te possa dar prazer! Andas daqui para ali tentando expulsar essa angústia interior, que o teu incessante deambular apenas consegue agravar. É como num navio: se a carga está imóvel pouco se faz sentir, mas se anda a rebolar de um lado para
- 10 o outro ao acaso faz tombar o barco para o lado onde exerce mais pressão. O que quer que faças redundará em teu prejuízo, esse teu contínuo movimento só te faz mal; é como fazeres andar um doente às voltas! Agora quando te tiveres libertado da angústia, nessa altura qualquer mudança de local te será agradável: podes ir parar aos confins da terra, podes ir dar a um canto perdido na barbárie, que essa terra, seja qual for, se te mostrará
- 15 hospitaleira! Interessa é a disposição de espírito com que partes, e não o local a que chegas. Por isso mesmo não devemos afeiçoar-nos demasiado a nenhuma terra em especial. Temos de viver com esta convicção: não nascemos destinados a nenhum lugar particular, a nossa pátria é o mundo inteiro! Quando te tiveres convencido desta verdade, deixará de espantar-te a inutilidade de andares de terra em terra, levando para cada uma
- 20 o tédio que tinhas à partida. Se te persuadires de que toda a terra te pertence, o primeiro ponto em que parares agradar-te-á de imediato. O que tu fazes agora não é viajar, mas sim andar à deriva, a saltar de um lado para o outro, quando na realidade o que tu pretendes – viver segundo a virtude – podes consegui-lo em qualquer sítio.

Séneca, *Cartas a Lucílio*, III, 28

Tradução de J. A. Segurado e Campos, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp.104-105. (Texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1** a **5**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. Nesta carta ao seu amigo Lucílio, Séneca sublinha

- a. as vantagens do conhecimento de novas paisagens e cidades.
- b. o benefício da mudança de local, para um espírito entediado.
- c. o agravamento da angústia interior, num incessante deambular.
- d. o peso que qualquer longo percurso traz à alma do viajante.

2. A construção condicional contrafactual ou irreal correspondente a “se a carga está imóvel pouco se faz sentir” (linha 9) é

- a. *se a carga estava imóvel, pouco se fazia sentir.*
- b. *se a carga tivesse estado imóvel, pouco se teria feito sentir.*
- c. *se a carga estiver imóvel, pouco se fará sentir.*
- d. *se a carga tiver estado imóvel, pouco se fará sentir.*

3. Na linha 14, “um canto perdido na barbárie” designa

- a. um poema esquecido, de um povo ignoto.
- b. uma terra isolada, onde só vive gente cruel.
- c. um cantar de gesta de povos primitivos.
- d. um local remoto, longe da civilização.

4. Na linha 14, “te” desempenha a função de

- a. predicativo do sujeito.
- b. complemento direto.
- c. complemento indireto.
- d. complemento oblíquo.

5. No período hipotético das linhas 20-21, o verbo da oração subordinante encontra-se no modo

- a. indicativo.
- b. conjuntivo.
- c. infinitivo.
- d. condicional.

Grupo III

No excerto do romance de Júlio Dinis, Henrique de Souselas é aconselhado a sair de Lisboa, para combater “uma espécie de vácuo interior”; pelas palavras de Séneca ao seu amigo Lucílio, percebemos que foi longa a viagem por este empreendida, mas não lhe trouxe o almejado alento.

Contrariando eventualmente alguma tendência para o sedentarismo, são muitas as razões que podem levar um indivíduo a viajar. Num texto bem estruturado, de 200 a 300 palavras, sob a forma de carta, apresente uma reflexão sobre uma dessas razões e sobre os efeitos da experiência no viajante.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos
9.	8 pontos
10.	8 pontos

80 pontos

Grupo II

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos

40 pontos

Grupo III

Estruturação temática e discursiva.....	50 pontos
Correção linguística	30 pontos

80 pontos

Total 200 pontos